

## Apaixonar-se e desapaixonar-se

**«Meu caro amigo, envio-lhe um pequeno trabalho do qual se poderia dizer, sem injustiça, que não tem cabo nem rabo, já que tudo nele é, pelo contrário, cabo e rabo, alternada e reciprocamente. Suplico-lhe que leve em consideração a conveniência admirável que tal combinação oferece a todos nós — a você, a mim e ao leitor. Podemos abreviar — eu, os meus devaneios; você, o texto; o leitor, a sua leitura, já que eu não mantenho interminavelmente a aliança entre a fatigada vontade de qualquer um deles e uma trama supérflua. Retire um anel, e as duas partes desta tortuosa fantasia voltarão a unir-se sem dificuldade. Corte em pedacinhos e descobrirá que cada um deles tem vida própria. Na expectativa de que alguma dessas fatias possa agradá-lo e diverti-lo, ou só dedicar-lhe a serpente inteira.»**

Foi assim que Charles Baudelaire apresentou *O Spleen de Paris* aos seus leitores. Que pena. Não fosse por isso, eu gostaria de escrever este mesmo preâmbulo, ou um parecido, para o texto que se segue. Mas ele escreveu-o — e só me resta citá-lo. Evidentemente, Walter Benjamin eliminaria na última frase a palavra «só»: E eu também, pensando bem.

«Corte-a em pedacinhos e descobrirá que cada um deles tem vida própria.» Os fragmentos que fluíam da pena de Baudelaire tinham. Se os dispersos retalhos de pensamento reuni-

dos a seguir também terão, não cabe a mim decidir, mas ao leitor.

A família dos pensamentos está repleta de anões. É por isso que a lógica e o método foram inventados e, depois de descobertos, adotados pelos pensadores de ideias. Os pigmeus podem esconder-se e acabar por esquecer o seu nanismo no meio do esplendor de colunas e formações de batalha em marcha. Cerradas as fileiras, quem notará o tamanho diminuto dos soldados? É possível reunir um exército de aparência extremamente poderosa alinhando para o combate fileiras após fileiras de pigmeus...

Só para satisfazer os viciados em metodologia, talvez eu devesse ter feito o mesmo com estes fragmentos. Mas como não tenho tempo para levar a cabo essa tarefa, seria tolice da minha parte pensar primeiro na ordem das fileiras e deixar a convocação para o final...

Pensando bem: talvez o tempo de que disponho pareça curto de mais, não por causa da minha idade avançada, mas porque, quanto mais velho se é, mais se sabe que os pensamentos, embora possam parecer grandiosos, jamais serão grandes o suficiente para abarcar a generosa prodigalidade da experiência humana, muito menos para explicá-la. O que sabemos, o que desejamos saber, o que lutamos para saber, o que devemos tentar saber sobre amor ou rejeição, estar só ou acompanhado e morrer acompanhado ou só — será que tudo isto poderia ser alinhado, ordenado, adequado aos padrões de coerência, coesão e completude estabelecidos para assuntos de menor grandeza? Talvez sim — quer dizer, na infinitude do tempo.

Não é verdade que, quando se diz tudo sobre os principais temas da vida humana, as coisas mais importantes continuam por dizer?

**O amor e a morte — os dois personagens principais desta história sem trama nem desfecho, mas que condensa a maior parte do som e da fúria da vida — admitem, mais do que quaisquer outros, este tipo de devaneio/escrita/leitura.**

Para Ivan Klima, poucas coisas se parecem tanto com a morte como o amor realizado. Cada chegada de um dos dois é sempre única, mas também definitiva: não suporta a repetição, não permite recurso nem promete prorrogação. Deve sustentar-se «por si mesmo» — e consegue. Cada um deles nasce, ou renasce, no próprio momento em que surge, sempre a partir do nada, da escuridão do não-ser sem passado nem futuro; começa sempre do princípio, desnudando o carácter supérfluo das tramas passadas e a futilidade dos enredos futuros.

Só se pode entrar no amor e na morte uma vez — menos ainda do que no rio de Heraclito. Eles são, na verdade, os seus próprios cabos e os seus próprios rabos, dispensando e descartando todos os outros.

Bronislaw Malinowski ironizava os difusionistas por confundirem colecções de museu com genealogias. Tendo visto toscos utensílios de pederneira expostos em estojos de vidro diante de instrumentos mais refinados, os difusionistas falavam de uma «história das ferramentas». Era, zombava Malinowski, como se um machado de pedra gerasse um outro, da mesma forma que, digamos, o *hipparion* deu origem, na plenitude do tempo, ao *equus caballus*. Os cavalos podem derivar de outros cavalos, mas as ferramentas não têm ancestralidade nem descendência. Ao contrário dos cavalos, não têm uma história própria. Pode dizer-se que pontuam as biografias individuais e as histórias colectivas dos seres humanos, das quais são emanações ou sedimentos.

Quase o mesmo se pode dizer do amor e da morte. Parentesco, afinidade, elos causais são traços da individualidade e/ou do convívio humanos. O amor e a morte não têm história própria. São eventos que ocorrem no tempo humano — eventos distintos, *não* ligados (muito menos de modo *causal*) a eventos «similares», a não ser na visão de instituições ávidas por identificar (por inventar) retrospectivamente essas conexões e compreender o incompreensível.

Assim, não se pode aprender a amar, tal como não se pode aprender a morrer. E não se pode aprender a arte ilusória — inexistente, embora ardentemente desejada — de evitar as suas

garras e ficar fora do seu caminho. Chegado o momento, o amor e a morte atacarão — mas não se tem a mínima ideia de quando isso acontecerá. Quando acontecer, vai apanhá-lo desprevenido. Nas nossas preocupações diárias, o amor e a morte aparecerão *ab nihilo* — a partir do nada. Evidentemente, todos tendemos a esforçar-nos muito para extrair alguma experiência deste facto; tentamos estabelecer os seus antecedentes, apresentar o princípio infalível de um *post hoc* como se fosse um *propter hoc*, construir uma linhagem que «faça sentido» — e na maioria das vezes temos sucesso. Precisamos deste sucesso pelo conforto espiritual que nos traz: faz ressurgir, ainda que de forma circular, a fé na regularidade do mundo e na previsibilidade dos eventos, indispensável para a nossa saúde mental. Também evoca uma ilusão de sabedoria conquistada, de aprendizagem e, sobretudo, de uma sabedoria que se pode aprender, tal como aprendemos a usar os cânones da indução de J. S. Mill, a conduzir automóveis, a comer com pauzinhos em vez de garfos ou a deixar uma impressão favorável aos nossos entrevistadores.

No caso da morte, a aprendizagem restringe-se, de facto, à experiência de outras pessoas e, portanto, constitui uma ilusão *in extremis*. A experiência alheia não pode ser verdadeiramente aprendida como tal; não é possível distinguir, no produto final da descoberta do objecto, entre o *Erlebnis* original e a contribuição criativa trazida pela capacidade de imaginação do sujeito. A experiência dos outros só pode ser conhecida como a história manipulada e interpretada daquilo por que eles passaram. No mundo real, tal como o Tom nos desenhos animados *Tom & Jerry*, talvez alguns gatos tenham sete vidas ou até mais, e talvez alguns convertidos possam acreditar na ressurreição — mas permanece o facto de que a morte, assim como o nascimento, só ocorre uma vez. Não há como aprender a «fazer bem na próxima oportunidade» um evento que jamais voltaremos a vivenciar.

**O amor parece desfrutar de um *status* diferente do de outros acontecimentos únicos.**

De facto, é possível que alguém se apaixone mais do que uma vez, e algumas pessoas gabam-se — ou queixam-se — de que apaixonar-se e «desapaixonar-se» é algo que lhes acontece (assim como a outras pessoas que vêm a conhecer nesse processo) de modo muito fácil. Todos nós já ouvimos histórias sobre estas pessoas particularmente «propensas» ou «vulneráveis» ao amor.

Há bases bastante sólidas para se ver o amor, e em particular a condição de «apaixonado», como — quase que por sua própria natureza — uma condição recorrente, passível de repetição, que inclusivamente nos convida a sucessivas tentativas. Pressionados, a maioria de nós chega a enumerar a quantidade de vezes em que se sentiu apaixonado. Pode-se supor (mas será uma suposição fundamentada) que na nossa época cresce rapidamente o número de pessoas que tendem a chamar amor a mais de uma das suas experiências de vida, que não garantiriam que o amor que actualmente vivenciam é o último e que têm a expectativa de viver outras experiências como esta no futuro. Não devemos surpreender-nos se essa suposição se mostrar correcta. Afinal, a definição romântica do amor como «até que a morte nos separe» está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás o seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir e de onde extraía o seu vigor e valorização. Mas o desaparecimento dessa noção significa, inevitavelmente, a simplificação dos testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de «amor». Não existe um maior número de pessoas a atingir mais vezes os elevados padrões do amor: o que acontece é que esses padrões estão mais baixos. Como resultado, o conjunto de experiências às quais nos referimos através da palavra «amor» expandiu-se muito. Noites avulsas de sexo são descritas por meio da expressão «fazer amor».

A súbita abundância e a evidente disponibilidade das «experiências amorosas» podem alimentar (e de facto alimentam) a convicção de que amar (apaixonar-se, instigar o amor) é uma habilidade que se pode adquirir e que o domínio dessa habilidade aumenta com a prática e a assiduidade do exercício. Pode-se até acreditar (e frequentemente acredita-se) que as habilidades